

POR UMA ECOESTÉTICA RESSOANTE: nos cotidianos da educação

Marta Bastos Catunda¹
Universidade de Sorocaba

Resumo

Apresenta-se a ecoestética como conceito do gesto político de educar e a partir da explanação metodológica evidenciada em práticas pedagógicas/educativas sensíveis; expressar reverberações na ambiência escolar entretecendo vivo universo de relações.

Palavras-chave: ecoestética, cotidianos da educação, ambiência, sensibilidade.

¹ Recém Pós-Doc PNPd/Capes 2014/2018 , doutora em Educação ambas pela Universidade de Sorocaba. Programa de Pós Graduação em Educação.
E-mail: martacatunda@gmail.com

FOR A RESEARCHING ECOESTÉTICA: in the daily life of education

Abstract

Echoaesthetics is presented as a concept and as a political gesture of the act of educating and from the methodological explanation evidenced in sensible pedagogical / educational practices; expressing reverberations in the school environment weaving alive universe of relationships.

Key-words: echoesthetics, everyday school life, ambience, sensitivity.

POR UNA ECOESTÉTICA QUE PUEDA RESONAR: en los cotidianos de la educación

Resumen

Se presenta la ecoestética como concepto del gesto político en acto de educar ya partir de la explicación metodológica evidenciada en prácticas pedagógicas/educativas sensibles; expresar reverberaciones en el ambiente o escolar tejiendo vivo universo de relaciones.

Palavras clave: ecoestética, cotidianos de la educación, ambiente sonoro, sensibilidad.

1. Conversa ao pé do ouvido

O presente texto pretende perceber o que ressoa nos cotidianos que passam pela educação, adentram, habitam, coabitam, aninham, brotam uma escola cheia de vida. A liberdade de ir e vir e adentrar muitos espaços tendo na mente e na ação a educação em gesto político, já é capaz de criar uma ambiência educativa arejada, como principal motivação. Uma ambiência acolhedora que se faz escola; melhor ainda, compreender que a educação seus encontros criam *espaçostempos* (ALVES; OLIVEIRA; 2004) nos entremeios de um vasto campo relacional. Também a própria ecologia põem em movimento. É preciso deixar a educação ser o que é, independente das rotulações que lhe concedam, surtindo surpreendimento em permanentes fluxos, algo mais do que pode ser provocado pelo empuxo das forças produtivas, ou instituídas da rede educacional pública, suas diretrizes, bases e parâmetros. A escola não chegou à toa na contemporaneidade. Aprendemos isso com Marisa Vorraber (2008). Não é ou, não deveria ser apenas o indicador generalista da posição no ranking mundial que posiciona o Brasil entre as nações do globo. Em matéria de direitos humanos atingimos grau zero, após do homicídio ainda impune de Marielle Franco e do extermínio de jovens negros, por policiais militares, alvo das milícias que governam territórios, em locais acidentados de ruas e favelas.

Mas, o que a escola tem a ver com tudo isso afinal? Tem tudo a ver. Escola é uma casa de vida. É também um direito humano instituído, seja como for, a escola deixa-se atravessar também por forças instituintes (CASTORIADIS, 1982) que vão surgindo ressoando a partir do avassalador processo de exclusão social que adentra essas mesmas redes de ensino por todo país. Para o autor, as instituições são fruto do imaginário social de um dado período social-histórico, arrastam a tensão entre o que está instituído e o que é preconizado como valores instituintes brotando no mesmo período. Independente do acontece com o que está instituído, a significação imaginária social faz as coisas existirem enquanto “tais” - “isso que” a significação não pode ser dissociada do princípio da existência, do pensamento, do valor e da ação. O caráter da produção capitalista revela-se por estas tendências e o próprio

sentido que encarnam superam a produção, com um tipo de antinomia, de luta e de superação desta mesma antinomia (CASTORIADIS, 1982, p. 97). Deleuze (2014) apresenta-nos as necessidades que surgem como urgências e estas como forças dão consistência a uma vida criativa, seja na filosofia, nas ciências, ou nas artes, insiste:

Se todas as disciplinas comunicam entre si é o nível do que nelas não se destaca jamais por si mesmo, mas que é como se estivesse arraigado em toda disciplina criadora a saber: a constituição do espaço-tempo.

Assim sendo, não é apenas uma força imperativa, das estruturas do poder governamental destrutiva, de retrocessos ou avanços mas, uma ambiência. A escola que aí está, vive, não desistiu de educar e de lutar as suas lutas. Mesmo sem querer, tem um enorme agenciamento de forças antinômicas, com todas as conhecidas e propaladas dificuldades, necessidades e urgências. Essas necessidades é que agregam, associam, conectam, seja pela alegria, ou pela dor, como ocorreu na Escola Raul Brasil, em Suzano (19 de março 2019). Sobretudo é pelo estar junto sendo partícipe, apoiando/reconhecendo uma frente de resistência que se ergue nas comunidades, atravessam a escola, para e além dos muros onde se inserem, nos grupos de estudo, conversa, leitura, ou contação de histórias, de apoio psicológico entre outras atividades neste texto nomeadas, ecoestéticas. Este texto quer pensar um pouco isso. Pensar nos grupos de estudo acadêmicos, que se envolvem em inúmeras atividades de atuação com outros grupos acadêmicos ou não, que de algum modo vão criando outras formas de fazer pesquisa, desenvolver inúmeras práticas, aqui apresentadas como ecoestéticas, não alheios ao que ressoa em seu entorno, deslocando-se, ampliando a universidade/escola em sua ambiência.

2. Ecoestéticas ressoam existências

Se os cotidianos da educação são plurais e ressoantes, a ecoestética é um conceito que pode surtir/revivar através do processo de pesquisa e atuação na educação, como por exemplo de uma perspectiva ecologista (REIGOTA, 2013, p.42) com práticas educativas/pedagógicas/artísticas sensíveis ou de sensibilização para a

Periferia, v. 11, n. 4, p. 42-57, set./dez. 2019

escuta da ambiência sonora da escola. Uma proposta não alinhada com as perspectivas hegemônicas, mas ao contrário atenta à diversidade de contextos e visões de mundo e de vida (ARAÚJO FREIRE, 2015, p.293) delineadas a partir de oportunidades de realização de ações ecoestéticas tanto em escolas, como em universidades, em grupos de estudo, grupos de permeacultura entre outros. No prefixo “eco” temos o sentido daquilo que ressoa, eco de ecoar mesmo, fenômeno sonoro de reflexão do som, mas, também eco de ecologia, portanto, como relação, já que a ecologia é antes de tudo relação. Como ciência, a ecologia tem no aspecto relacional o que lhe é mais intrínseco. A forma de relação com o ambiente onde vivemos expressa um sentir/ser ambiente como uma parte integrante da ecologia, seja de um lugar/espço, um lugar/poder ou território, um ecossistema, seja uma ambiência feita de relações entre a escola/universidade (seus devires moleculares), os entremeios da educação.

Para Deleuze e Guattari (1995, p.12-36), o entre não é um espaço, mas “uma zona de cruzamento de intensidades” que se afetam infinitamente. Isso tem algo de musical. Intensidade é qualidade sonora (vibrante e energética), reflui suas ondas e as relações quando são intensivas guardam o desejo que se move e se produz como um rizoma, ou um esporo pelo ar, sem começo sem fim. No meio, “no entre”, onde o desejo se expande e a vida pode transbordar, faz o verbo virar conjunção, um cosmo para a criação em cada dia/vida.

Entende-se/estende-se aqui dois movimentos de ir mais longe, inflectir/refletir. Como bem observou Guattari (2001, p. 51) no conceito de ecosofia a eco é o que entrelaça o relacional indicando uma ecologia mental subjetiva, outra de caráter comunicativo relacional os intercâmbios do âmbito social, e outra com o ambiente: as três ecologias. Importante destacar aqui que o âmbito social que Guattari nos propõe não é aquele generalista mas, aquele que permite compor o que denominou de territórios de existência. A coerência é fornecida pelo existir/coexistir, viver/conviver em outros modos de existência. Portanto, a eco tem embutida um aspecto intrinsecamente ético do relacional. A eco de ecologia preserva em seu ventre o caráter ético de conhecimento/consideração/defesa da vida, portanto também de justiciamento. Todas as lutas incluindo as da educação são lutas pelo

direito à vida.

Ninguém tira o trono do estudar. Ninguém é o dono do que a vida dá. E nem me colocando numa jaula, porque sala de aula, esta jaula vai virar (DANI BLACK, 2015)²

Nas atividades ecoestéticas o ser/estar/existir em grupo é pensado. Invariavelmente surge algo assim: - como docente penso assim, como mãe/pai penso de tal modo, como amiga de outro. Há uma tendência a representar um papel pré determinado e instituído e uma fala que represente aquilo que é posto/imposto e não o ser e o “quê” de cada um. E assim em práticas ecoestéticas o acolhimento é uma condição imprescindível. Acolher todas as representações para então mais à vontade, com a continuidade do convívio, a interação do grupo promova diluição dessas barreiras e irem mostrando um pouco um(a) para o outro(a), algo mais da face vivida de cada um/uma, seus talentos, modos expressivos, mais alegre ou mais reservada(o) e assim em diante.

Mobilizar-se e reunir-se é uma atividade cada vez mais rara no mundo em que vivemos e respiramos. Para Virílio, o que conduz nosso cotidiano não é mais a política mas, a cronopolítica. Ela interfere diretamente neste tempo de cada um, de dar-se a si numa atividade sensível realizada em um coletivo, atravessando o tempo letivo que é tão “ocupado”. Para Virílio (1984) vivemos em Guerra Pura. Uma trama contemporânea levada à cabo pela tecnologia e o militarismo. A “classe militar” como algo além de soldados fardados. Para ele a classe militar corresponde a todos aqueles que contribuem, direta ou indiretamente, na organização de um estado de Guerra Pura. A classe militar torna-se difusa, envolve a classe burguesa, os tecnocratas, cientistas, publicitários na condução objetiva e coersitiva da “produção da destruição” e o empobrecimento da sociedade civil. A classe militar, acentua o autor, é uma espécie de inteligência cuja ausência de limites provém da aceleração da tecnologia e da própria ciencia levando a uma vida de sufoco (Virílio, 1984, p.

² Trono do Estudar de Dani Black especialmente composto para as ocupações dos estudantes secularistas de 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE_tJ4OM> Aces.19 jan.2019.

28).

Nas atividades ecoestéticas atrasos e ausências, caras e bocas, os estranhamentos em reuniões e atividades sensíveis do grupo, podem indicar uma dificuldade neste processo de desnudar-se, aninhar-se, acolher-se, juntar-se, perder tempo em uma atividade deste tipo. De mergulhar mais fundo em direção a esse ser criativo/inventivo adormecido e tanta vezes esquecido na infância mas, que está vivo/viva e preenhe de devires.

Pode-se compreender eco ainda como algo de cada um, uma marca única vibrante, aleatoriamente flui e diferente de ego, não fica preso ao umbigo, ou a um dimensão mais individualista que não encontra ressonâncias mundo afora. Comunicar, relacionar é algo muito mais complexo do que costumamos imaginar. Não se dá instantaneamente não é simplesmente, o que se causa no outro mas, principalmente o que ressoa de mim no outro.

É preciso situar as vozes de cada um em um grupo como eco de muitos falantes, que pacientemente se pode ouvir em ações de escuta, os agenciamentos comuns do cotidiano escolar e no seu entorno no alcance de uma vida melhor, de um pensar outro, uma educação outra, outra forma de formação docente, em outros tempos mais sutis de opressão, ecologias outras, que dificilmente podemos conhecer e compreender, sem o mergulho nos cotidianos que ecoam das escolas. São cursos, encontros, ritos de passagem, conversas, experiências de mergulho em determinados ambientes com o fim de viabilizar o aprendizado coletivo, quando/onde ser/estar em grupo não se opõem apenas pulsam (GUATTARI, 2011, p. 20). Ações minúsculas criando forças imanentes, dobras provocando uma proliferação de ideias, propostas que sejam fonte de atividades experimentais artísticas e educativas/pedagógicas, convivendo para recompor permanentemente, cada dia da educação.

Há um fim que é sempre cobrado dos educadores como uma promissória, como se educação não fosse o próprio fluir da vida em cada gesto comunal, ou fosse só um efeito dentro do cérebro (cognitivismo) ou, que tenha uma fórmula/forma inegável de ser feita quando é próprio à ciência para evoluir, negar. Educadores fazem ciência da educação. Mas de fato, fazer educação em gesto é um fim sem fim. Afinal a criança, a pessoa o ser está em constante florescimento, do útero até a morte. Então

até por isso educar é em certa medida desaprender, aprender de outro modo em constante movimento, para que haja espaço para a expansão da trama dos conhecimentos. Educação como mercadoria é o mesmo fazer ecoar que uns podem ter e outros não, portanto uns tem direito a vida e outros não. E por isso a educação é violentamente atacada pelas forças conservadoras da desigualdade, opressoras e invasivas dessa delicada teia de vida, promove exclusão permanente da senha de acesso ao social, ao convivial que é onde nos resta poder sobreviver e existir. Um ensino secundário deve ser profissionalizante porque universidade é um lugar privilegiado, não é lugar para todo mundo? E cada vez que se decreta que a educação tem que ser assim ou assado, de fato isso é um decreto de morte.

Delicadeza em Paulo Freire foi a de sempre se colocar junto aos seus interlocutores e não a de vir trazer, mas vir fazer junto, ouvir, fazer aparecer a vontade do outro, reaprender de modo diferente. Do contrário é morte ao que está e é, ao que vem sendo e ao porvir. O desrespeito à classe docente, nesse sentido é uma violação do direito à vida comunal; daí o ímpeto criminoso, a tentativa do recuo dos direitos fundamentais para uma pseudoeducação doméstica, que possa ser doutrinada pelas famílias e igrejas, como se essas ainda fossem iguais a dos nossos avós e não estivessem totalmente dilaceradas, pela violência de um estado de Guerra Pura como esclareceu Virílio (1984) acima. Assim cotidianamente nas favelas, meninos jovens negros inocentes morrem como criminosos, meninas jovens tem sua vida obstruída por estupro, mulheres em geral por feminicídio, na perseguição permanentes de líderes indígenas, ambientais, nas lutas lgtbs, dos sem teto, sem terra, essas lideranças não autorizadas mais instituintes como aquelas/aqueles (Marielle Presente) que ensinam sobre direitos e por justiciamento, pela força ética da própria vida, onde há oportunidade para todos(as).

As UPPs tornam-se uma política que fortalece o Estado Penal com o objetivo de conter os insatisfeitos ou "excluídos" do processo, formados por uma quantidade significativa de pobres, cada vez mais colocados nos guetos das cidades e nas prisões. (FRANCO, 2014, p. 6)

Por isso existem escolas que surgem na *sombra de uma mangueira* (Freire,1995). O tempo surrupiado dos futuros, sejam cidadãos ou cidadãs não hasteia bandeiras, não canta hinos, não espiona não pode impedir a vida de ser vivida e ressoar, desejar por mais vida. A vida não obedece decretos, não impede a cor cinza se apagar do muros coloridos por grafites e virar força antinômica comunitária, ainda mais organizada. A vida roubada por crimes ambientais, como das barragens de Mariana (2015) e Brumadinho(2018), renasce como uma anhuma/fênix; como bem afirma Latour (2018), se não há mais interesse dos poderes instituídos em conceder direito à vida para todos, precisamos nos tornar ainda mais vivos. Promover acontecimentos que gerem corpos feitos de muita gente, como nas ocupações dos estudantes secundaristas em 2015, vertendo redes relacionais, porque a vida sempre multiplica as potências dos encontros ressoando, em outros encontros. A própria educação numa abertura ao múltiplo, um espaçotempo onde cabem muitas possibilidades e assim, não pode haver uma existência única ou específica. Paulo Freire (ARAÚJO FREIRE, 2015, p. 292) nos legou uma educação na posição de um observatório (re)criativo, leituras de mundo, capazes de abraçar a multiplicidade, na direção de que cada lugar tem no seu contexto de vida, cultura, seus modos relacionais únicos e portanto, há também outros sistemas coletivos, comunitários de convívio e estes tem informações, motivações, sensações diferentes em ato de aprender e de ensinar.

3. Metodologia ou metáforas em fluxo?

O que de fato vem a ser uma experiência ecoestética? Primeiro é preciso considerar a estética uma palavra-asa³ vibrante em proliferar experimentações práticas sensíveis, que trabalham as sensações. Política em gesto de educar é fazer proliferar perguntas, curiosidades e tudo que se pode aprender/compartilhar no cotidiano escolar e fora dele. Este modo deixa pistas, indícios, vestígios. Ginzburg

³ Palavra-asa é o oposto de palavra-chave, ao invés de produzir um juízo sintético promove uma proliferação de palavras cujo sentido está colado a uma ação ou observação.

(1989, p. 143) indica o paradigma indiciário como constituição de uma forma de saber que se aproxime e não seja necessariamente um método, um processo construído a partir do rastro, do resíduo, do indício, do instante, de tudo que costuma ser negligenciado como indicadores de realidades mais complexas e profundas. Afirma que esta forma emergiu silenciosamente no século XIX, com raízes muito antigas, que o considerava o patrimônio da interpretação dos rastros, legado por antepassados caçadores, que por milênios apreenderam em seu ambiente reconstituindo as formas e os deslocamentos de suas presas invisíveis, a partir de seus rastros.

As atividades ecoestéticas não tem a intenção de determinar um met(odo), ou seja, um caminho determinado para alcançar um fim, mas antes aderir ao poro. Parte dos estudos de comunicação, o poro compreende uma passagem. Viver no século XXI é aceitar a total falta de caminhos, mas, ainda querer porvir, desejar outras perspectivas. Kofman (1993) sugeriu o poro como passagem volátil, se faz e desfaz, muda de configuração o tempo todo nos tira o chão, nos imobiliza, nos silencia. Danielle Naves (2007, 1.1. p.2) em sua poética sensível e ardente tese, Poros: ou passagens da comunicação, nos lança um raio feminino esclarecedor:

Poros é o que destrói nosso sonho de integridade. E o faz não de uma destruição a marteladas, explosiva, mas de uma destruição-diluição, líquida, pelas bordas, pela pele, pela força do impreciso. Um poro não se constrói, não se delimita, não se dobra à lei da forma. É sobretudo abertura para a existência, para o que há de comum na trajetória de cada humano, para o absurdo de sua solidão, para a remota possibilidade de comunicar a própria condição. Poro é simplesmente - ou estranhamente - a passagem para a comunicação.

Uma metodologia metapórica promove passagens para o fluir comunicativo. Porosidade, é o que se deixa entrar, passar, atravessar para mim, de mim para o outro, do outro para meu corpo; passar pela pele, expandir-se. Esse conceito se aproxima muito do que de fato acontece em um processo de observação em práticas ecoestéticas. São essas passagens que provocam acontecimentos. E se vivemos em um mundo veloz, múltiplo em singularidades mutantes, carecemos de tempos de lentidão, de mergulho.

E por isso são inúmeros os dispositivos criados, que não se repetem, contrariando a ideia de método (FEYERABEND, 2003). De algum modo há o cuidado de uma metodologia intencionalmente aberta e nômade, metapórica, de deixar que o dispositivo atue como experimento; mas não um caminho direcionado porque independe do resultado, mas é uma tentativa de disparar, provocar processos que se manifestem espontaneamente. Nestas práticas sensíveis ecoestéticas outras visões de mundo presentificam-se. Uma outra lógica e sensibilidade vai conectando gente e muitas trocas. Também as pesquisas vão sendo bafejadas por pessoas, seus estudos, pesquisas, suas buscas estéticas e essa permeabilidade porosa é o que permite experimentar e atravessar muitos rumos sensíveis, ir mais fundo nas leituras, discussões.

O grupo que se reúne para uma prática ecoestética sejam de docentes, integra os discentes, interessa sobretudo destacar-se em diversidade mais intrínseca, e a partir das narrativas que cada um traz em sua bio:grafia (REIGOTA, PRADO, 2008), algo de sua vida que se relaciona por sua vez com uma região, cidade, escola, ou interesse educativo, ou algum tipo de associação, de atividade presente na vida escolar ou comunitária, enfim algo mais próximo possível de si, para a vivência e convivência da prática proposta.

Marcos Reigota (2008) apresentou a bio:grafia através de seu livro com Barbara Heliodora, Educação ambiental Utopia e Praxis. Tanto o metaporo como a bio:grafia com diferentes motivações propõem sobretudo mergulho na experiência vivenciada e dela/nela obter um relato narrativo que se aproxime de uma produção literária. Não como uma exigência mas, um esforço de atingir uma qualidade mais sensível, estética e/ou artística do texto, necessária para que o leitor faça uma imersão plena na realidade que está sendo descrita e vivenciada. Faz parte dessa metaporologia, dissecar ou compor uma cena, apresentar achados, vivências durante a pesquisa que são reveladoras e acabam compondo um sentido expressivo dos acontecimentos cotidianos da educação. Tornar público esse mundo tão vivo, ou pensar a educação fazendo educação é também perceber toda a riqueza teórica que esse processo desdobra, os viezes e matizes epistemológicos vão pintando de dentro para fora. Alguém diz: - Nossa isso que você está fazendo parece tal artista, tal poetiza, você

já leu tal filósofo(a)?, já viu tal filme?

Algo muito tocante salta das pesquisas em educação que só fazem sentido dentro de um empenho narrativo. É possível ouvir muitas vozes em uma única narrativa construindo uma espacialidade na mente que desperta muitas relações que vão sendo lentamente elaboradas. Assim é a lógica da sensação para Deleuze (2007), não um dado mecânico e imediato da experiência. A lógica da sensação promove cintilações, deixa algo fulgurante, ou inquietante em suspensão, com um sonho sem pé nem cabeça. Lá adiante mais para frente fará sentido em outra experiência e oportunidade. Fazer instalações, criar ambientes e outras formas mais elucidadoras de pesquisa através de tapetes, mapas, poemas, canções, vídeos, cartas é um empenho ecoestético metapórico.

O dispositivo metapórico reinventa-se em cada apresentação, levando em consideração a diversidade dos participantes se docentes, estudantes da pós-graduação, o contexto, o lugar, como acontece sempre será diferente. Muitas vezes os próprios(as) participantes se sentem motivados a propor um caminho diferente ou ampliam a proposta no modo de interpretar a atividade.

Mesmo um método experimental já tem um propósito determinado, definido: o experimento em si que pretende chegar em algum lugar. Supõem-se diversas atividades experimentais que se aproximem, ou têm o objetivo de chegar a um resultado definido. As práticas ecoestéticas muito diferentes disso mudam o rumo no meio do caminho porque escorreu por outro poro. Elas precisam sobretudo da interação coletiva, no ato de mergulho/envolvimento, um certo desnudamento de si, que se experimenta. Pode ocorrer ou não, mas muito do que permeia e faz o tecido do processo é o que acontece durante as atividades propostas e essa interação tem modulações variadas para cada participante, ocasião, lugar ou contexto. Como pegar areia com as mãos, não cabem numa grade de avaliação, assim como asas não foram feitas para gaiola. O que resulta é a vida que emana como a evaporação nos escapa, mas deixa alguma pregnância onde/quando, ocorre/acontece, cria laço, dobra. Quando se sai dessa vivência já se sentirá diferente ou tocada(o) pela diferença, aquele/aquela que não se permitiu afetar, teve ao menos, uma oportunidade de vivenciar outra visada.

Neste mesmo sentido é inadequado pensar as práticas ecoestéticas e a própria disciplina educação artística com uma educação formar artistas, ou público para a arte, ou descobrir talentos, mas, para ampliar e enriquecer os processos de aprendizagem sensível que permitam experimentar e vivenciar a experiência estética de uma forma ética entendendo esta, como um conjunto de atitudes de cidadania, solidariedade, mobilização, etc. Assim como não cabe por exemplo à educação física formar atletas, mas despertar para a prática e para a experiência física, corporal. Quanto mais diversificada for a experiência estética maiores serão os estímulos criativos e inventivos para uma atuação ética para despertar inúmeras composições ou arranjos.

Até para escapar da armadilha de induzir respostas é preciso ter em vista que não se pode utilizar de dispositivos prontos, mas que estes, de acordo com o contexto, possam compor com a prática proposta, e com cada participante afim de agregar ou maximizar a oportunidade deste imprimir seus valores, necessidades, dificuldades, informações precisas e muitas vezes conflitantes que constituem o grupo participante em questão.

Dito isso, importante esclarecer o caráter pedagógico/educativo de tais práticas metapóricas. No sentido de compreender o pedagógico não como literalmente costuma-se observar como um conjunto de métodos próprios ou apropriados, e sim mais como pedagógico como um observatório sensível da experiência, sem um determinismo marcante.

Referências

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Imagens de escolas: espaçotempos de diferenças no cotidiano.** Educ. Soc., Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, abr. 2004.

ARAUJO FREIRE, Ana Maria. A leitura de mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Caderno do Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p.p. 291-298, maio-ago., 2015.

BLACK, Dani. Trono do Estudar. **Ocupação das escola de São Paulo.** (2015) Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=q4-SE_tJ4OM > Acesso em: 19 abr 2019.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1982 (2ª. edição).

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **A escola tem futuro?** São Paulo: Lamparina, 2008.

DELEUZE, Gilles. O que é ato de criação. Data de postagem 27 de fev, 2014. Disponível em: < <https://www.dailymotion.com/video/x1dlfsr>> Acesso em: 8 abr 2019.

DELEUZE, Gilles. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia, vol. 4, São Paulo: Editora 34, 1997, pps 32 e 40.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

FRANCO, Marielle. UPP- a redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro. 136 páginas. (**Dissertação**) Curso de Pós-Graduação (Mestrado em Administração) Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Turismo -Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2014.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história**. (Tradução Federico Carotti) - São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GUATTARI, Felix. **As três ecologias**. 11. ed. Trad. de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2001.

KOFMAN, Sarah. **Nitzsche and Metaphor**. London: A&C Black, 1993.

LATOUR, Bruno. **Down to Earth: Politics in the New Climatic Regime**. Cambridge: Polity Press, 2018.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Uma introdução á Teoria do Ator-Rede. Salvador:UFBA, 2012; Bauru, São Paulo:Edusc, 2012.

NAVES, Danielle. Poros - ou as passagens da comunicação. 189 páginas. (**Tese de Doutorado em Comunicação**) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

REIGOTA, Marcos. Affection, environmental education and politics: Encounters with Nita and Paulo Freire. **Journal of Critical Pedagogy**, Greensboro NC, 2013 vol. 5. no.1, pp. 41-49.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do (Orgs.). **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008.

VIRILIO, Paul. **Guerra pura: a militarização do cotidiano**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.